

# Travessias de uma pesquisa: mapeando algumas ferramentas metodológicas da análise do discurso em Michel Foucault\*

# 5

*Passages of a research: mapping methodological tools of discourse analysis in Michel Foucault*

*Cruces de una búsqueda: mapeo de algunas herramientas metodológicas del análisis del discurso en Michel Foucault*

DOI: 10.18226/21784612.v22.n2.05

Bárbara Hees Garré\*\*  
Paula Corrêa Henning\*\*\*

**Resumo:** O presente trabalho trata-se de discussão sobre algumas ferramentas da Análise do Discurso (AD) de Foucault. Tal estudo se deu a partir de tese de doutorado que analisou o modo pelo qual a revista *Veja* coloca em funcionamento e potencializa um dispositivo da Educação Ambiental (EA) no século XXI. As análises situam-se a partir de reportagens de capa da revista *Veja* de 2001 até a atualidade. Evidencia-se uma determinada constituição discursiva de EA na revista, porém essa funciona em relação a outras práticas contemporâneas. Compreende-se que o dispositivo em estudo não se fabrica apenas nos ditos da revista, mas ela é uma das formas de potencializá-lo, tornando-o visível e enunciável na atualidade. Porém, outros elementos a auxiliam e atualizam tal dispositivo, há uma rede discursiva em torno da EA muito potente e heterogênea. Assim, se trabalha com ferramentas

\* Trabalho financiado pela Capes e pelo CNPq.

\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Pelotas (UFPel). Mestre em Educação em Ciências e Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). *E-mail:* barbaragarre@gmail.com

\*\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Pelotas (UFPel), Mestre em Educação pela UFPel. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora Associada no Instituto de Educação, nos Programas de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPGEC) e Educação Ambiental (PPGEA) da FURG. *E-mail:* paula.c.henning@gmail.com

analíticas que fortalecem o trabalho: enunciação, enunciado, discurso, dispositivo, relações de poder e modos de subjetivação. Essa empreitada de estudos alinha-se aos autores da perspectiva pós-estruturalista e dos Estudos Culturais. O estudo tornou possível entender que há uma constituição de determinado domínio de saber, colocado em funcionamento a partir de relações de poder, que subjetivam os sujeitos a certas práticas ambientalmente *necessárias*. Nesse sentido, os ditos em torno da questão ambiental se pautam por emblemas muito caros aos pesquisadores de EA, isso porque, parece, muitas vezes, que lhes é repassada a tarefa de encontrar o caminho certo para fazer uma adequada EA. Na contramão de tais emblemas, o movimento do trabalho em questão é o de pensar de que modo a EA foi se conjecturando e funcionando como um dispositivo potente neste século.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Ferramentas analíticas. Foucault. Análise do Discurso.

**Resumen:** El presente trabajo es una discusión acerca de algunas herramientas de Análisis del Discurso de Michel Foucault. Este estudio fue llevada a cabo desde una tesis que examina la manera en que la revista *Véja* puso en operación y aprovecha un dispositivo de la Educación Ambiental en el siglo XXI. Los análisis se basan en los informes de la portada de la revista desde 2001 hasta la actualidad. Si muestra una particular constitución discursiva de la educación ambiental en la revista, pero esta funciona en relación a otras prácticas contemporáneas. Es comprensible que el dispositivo bajo estudio no se fabrica sólo en lo dicho en la revista, pero ella es una de las formas de potencializarlo, haciéndolo visible y enunciable en la actualidad. Sin embargo, otros elementos la asisten y actualizan dicho dispositivo. Existe una red discursiva alrededor de la Educación Ambiental muy potente y heterogéneo. Por lo tanto, se trabaja con herramientas de análisis que fortalezcan el trabajo: enunciación, declaración, discurso, dispositivo, las relaciones de poder y modos de subjetivación. Este esfuerzo de estudio está alineado a los autores de la perspectiva post-estruturalista y estudios culturales. El estudio hizo posible comprender que hay una constitución de dado dominio de saber, puesto en funcionamiento desde las relaciones de poder, que subjetivan los sujetos a ciertas prácticas ambientalmente *necesarias*. En este sentido, los dichos sobre el tema ambiental mantienen emblemas muy queridos a los investigadores de la EA, ya que, al parecer, muchas veces, les pasan la tarea de encontrar la

manera correcta de hacer una educación ambiental adecuada. A contrapelo de estos emblemas, el movimiento de este trabajo es poner a pensar cómo EA era conjeturada y funciona como un dispositivo potente en este siglo.

**Palabras clave:** Educación Ambiental. Herramientas analíticas. Foucault. Análisis del Discurso.

**Abstract:** This paper is a discussion about Michel Foucault's Discourse Analysis tools. The study was developed with base on a doctoral thesis that analyzed the way the device of Environmental Education in the 21st century is operated and enhanced by *Veja* magazine. The analyzes were performed using cover stories of the magazine from 2001 until today. A certain discursive constitution of Environmental Education becomes evident in the magazine, but it works in relation to other contemporary practices. We understand that this device is not only created in the magazine's sayings, but the discursive constitution is one of the ways of enhancing it, making it visible and capable of being enunciated today. Although other elements help the support and update the device, there is a strong and heterogeneous discursive network around Environmental Education. Therefore, we employ analytical tools that reinforce our work: enunciation, to enunciate, discourses, devices, power relations and modes of subjectivity. This study is based on authors that employ the post structuralist and Cultural Studies perspective. It became possible for us to understand that there is the constitution of a certain knowledge domination, which is operated with base on relations of power that subjectify individuals to determined practices that are environmentally *necessary*. In this sense, those sayings about environmental education are guided by emblems dear to Environmental Education researchers, because it seems that they often receive the task of finding the right path to do an adequate Environmental Research. In the opposite direction of those emblems, the movement of this study is to start thinking how Environmental Education has been built and keeps functioning as a strong device in this century.

**Keywords:** Environmental Education. Analytical tools. Foucault. Discourse Analysis.

## Contextualizando a pesquisa: escolhas, aproximações, travessias

O perigo, em suma, é que em lugar de dar fundamento ao que já existe, em lugar de reforçar com traços cheios linhas esboçadas, em lugar de nos tranquilizarmos com esse retorno e essa confirmação final, em lugar

de completar esse círculo feliz que anuncia, finalmente, após mil ardis e igual número de incertezas, que tudo se salvou, sejamos obrigados a continuar fora das paisagens familiares, longe das garantias a que estamos habituados, em um terreno ainda não esquadrinhado e na direção de um final que não é fácil prever. (FOUCAULT, 2002, p. 44).

Escolhemos começar esta discussão atravessada pelas palavras de nosso intercessor, Foucault, filósofo francês do século XX. Elegemos um campo de estudos, a Educação Ambiental, que, muitas vezes, nos cobrou respostas e certezas que não tínhamos e que ainda não temos. O que sabemos é do percurso que trilhamos até aqui. O que sabemos são pistas. São provisórias! Certamente, não é a salvação, mas são possibilidades para se pensar e olhar a EA de outro modo, a partir de vonos referenciais, diferentes daqueles com os quais esse campo já está deveras habituado. O final, como diz Foucault, não temos como prever, não sabemos como chegaremos até ele, é uma surpresa, se é que ele existe. Então, aqui contaremos de que maneira fomos compondo, traçando, duvidando e, algumas vezes, rachando o que encontrávamos no material empírico. Contaremos de que forma a pesquisa foi se fabricando de curvas, de linhas, de tensões e de rupturas.

Nesse sentido, o texto aqui apresentado tem como objetivo sistematizar uma discussão a partir de algumas ferramentas da AD de Foucault. A operacionalização de tais ferramentas teóricas se deu a partir de tese de doutorado que analisou o modo pelo qual a revista *Vêja* coloca em funcionamento e potencializa um dispositivo da EA no século XXI. Assim, este texto constitui-se como um recorte da pesquisa empreendida, buscando dar visibilidade à potência da obra de Foucault para se pensar o campo da EA. Importante é destacar que o conceito de dispositivo operacionalizado aqui é tomado emprestado do filósofo francês Foucault. Desse modo, entendemos o dispositivo como uma rede discursiva múltipla e complexa que se fabrica a partir de diferentes elementos. Tal rede engloba tanto o discursivo quanto o não discursivo.

A pesquisa em questão foi sendo composta, reconstruída, redirecionada durante o percurso investigativo. Nada como mexer e remexer nos dados empíricos. Olhá-los, retomá-los, revirá-los... A cada nova leitura atenta, encontrávamos outras possibilidades, e outras inquietações se produziam. Olhar o material empírico foi um processo que nos acompanhou do começo ao final da pesquisa. Não bastou olhar

o nosso *corpus* empírico, precisamos olhar e entender o contexto no qual esse *corpus* se produziu. Então, foi olhando e remexendo nos dados da pesquisa que fomos traçando as linhas, as curvas, os desvios, enfim, as travessias da pesquisa.

O problema de pesquisa – De que modo a revista *Veja* coloca em funcionamento e potencializa um dispositivo da Educação Ambiental no século XXI? – não estava construído desde o começo. Foram muitas etapas e muitas retomadas. Na análise do *corpus* empírico, fomos montando as peças, fazendo os encaixes e, então, nessa trama discursiva que se engendra em torno da questão ambiental, podemos afirmar que há um dispositivo de EA sendo fabricado. Esse dispositivo não se fabrica apenas nos ditos da revista, mas ela é uma das formas de potencializá-lo, tornando-o visível e enunciável na atualidade. Porém, outros elementos a auxiliam e atualizam tal dispositivo na contemporaneidade; há uma rede discursiva em torno da EA muito potente e heterogênea. Importante é destacar a escolha da mídia em questão, a revista *Veja*. Debruçamos nossos esforços em tal mídia porque a tomamos como uma mídia forte, potente, de alcance significativo no cenário brasileiro.

A revista *Veja* é uma publicação da Editora Abril, a maior editora da América Latina. Atualmente, é a revista de maior circulação no Brasil, fundada por Victor Civita em 1968. A tiragem semanal da revista, hoje, gira em torno de 1.200.000 exemplares. Atualmente, as plataformas da *Veja*, somadas, totalizam uma audiência de 12 milhões de pessoas. A revista disponibiliza: a versão impressa, a versão para *tablet*, para *iPhone*, portal VEJA.com, aplicativo para *smartphone* VEJA notícias, *twitter* (@veja). A revista *Veja*, atualmente, é a segunda maior revista semanal de informação do mundo, sendo superada apenas pela americana *Time*. Já em sua primeira edição, propunha: “Veja quer ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros”. (VEJA, 1968, p. 20). Com assuntos dos mais variados, desde questões políticas, culturais e econômicas – seu principal foco – passando por temas como: ciência, ecologia e religião, a revista foi se consolidando no cenário nacional e, presentemente, é um importante veículo de comunicação brasileiro. Talvez se possa dizer que ela é a mais forte no segmento de revistas por assinatura.

Segundo a jornalista Marília Scalzo (2011), a revista é um artefato que mantém uma relação com seu leitor. Muito mais do que informar, elas “cobrem funções culturais mais complexas que a simples transmissão de notícias. Entretêm, trazem análise, reflexão, concentração e experiência

de leitura” (p. 13). Como pensar na relação da *Veja* com seu leitor, então? Nesse viés, a revista se torna um artefato cultural produtivo e educativo, participando e se relacionando com seu público e estabelecendo com ele um contato muito íntimo e privado. De certa forma, é possível dizer que a revista, em especial, a revista *Veja*, participa efetivamente da vida de seus leitores, ensinando, informando e intervindo nas suas formas de pensar, agir e refletir.

A revista, entendida como importante estratégia de gerenciamento da vida dos cidadãos, nos agencia cotidianamente, nos incita a ver, a entender e a participar de muitas questões, inclusive das relacionadas ao ambiente, enfoque deste trabalho. Como não pensar na revista e, em especial, na *Veja* como uma potente ferramenta de produção de verdades?<sup>1</sup> Como não pensar na revista *Veja* como um veículo de comunicação potente e forte na atualidade? Afinal, uma revista que circula amplamente no território brasileiro, pelos meios impresso e digital tem sua potência!

É vital salientar que a investigação se situou na análise das reportagens de capa da revista *Veja*, compreendidas entre o período de 2001 até a atualidade. Embora a revista não nomeie, especificamente, suas reportagens como “Educação Ambiental”, mas utilize expressões como “A Vingança da Natureza”, “Alerta Global”, “O Fim do Mundo”, entre outras, entendemos que se trata de uma forma específica de ensinar e de educar os sujeitos quanto às maneiras corretas de agir e de se comportar diante do meio ambiente. Assumimos tal entendimento por compreender que a revista se constitui como uma Pedagogia Cultural,<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, a verdade é entendida como uma construção, uma fabricação. Os ditos que entram na ordem do verdadeiro referem-se aos regimes de verdade produzidos a partir de um saber legitimado pelo campo científico. Nesse sentido, algumas vezes, têm o direito de enunciar a verdade e de fazê-la proliferar. (FOUCAULT, 2009). Nessa correnteza, a verdade proliferada na revista *Veja* não é a verdade que Foucault retoma nos seus últimos escritos, quando foca seus estudos nos gregos, que seria a verdade do parresíasta. O dizer verdadeiro na Grécia antiga referia-se “à coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que houve”. (FOUCAULT, 2011, p. 13). A produção e a proliferação de verdades na revista *Veja* insere-se no âmbito da retórica, ou seja, como arte ou como técnica que coloca em jogo a condução das condutas dos indivíduos, o próprio jogo de convencimento que se estabelece.

<sup>2</sup> O conceito de Pedagogia Cultural tem sido utilizado por alguns autores da corrente dos Estudos Culturais, que centralizam o papel da cultura na constituição da sociedade. Tal campo de estudos atribui à cultura função importante na análise das relações sociais, assumindo outra perspectiva, sendo constituída e constituindo nossa vida.

que indica modos de fazer, de se comportar, de consumir e de desejar, produzindo e gerenciando a vida das pessoas.

Assim, a revista, tem se constituído como referência e espaço privilegiado de circulação de novas aprendizagens. Não apenas exhibe determinados gestos e informa acontecimentos, mas cria um novo jeito, uma nova e específica maneira de viver e experimentar o contemporâneo, produzindo e subjetivando os sujeitos, aqui em especial, o sujeito *ecologicamente correto*.<sup>3</sup> A *Veja*, entendida como Pedagogia Cultural, se constitui em lugar de aprendizagem para além da escola, na qual os sujeitos aprendem sobre diferentes assuntos. Em especial, eles aprendem, também, como fazer uma adequada EA na vida cotidiana.

Trabalhamos com o dispositivo de EA, enunciado e visibilizado nas reportagens de *Veja*, na perspectiva de uma Pedagogia Cultural, compreendendo os atravessamentos da cultura que produzem tal campo de saber, ao mesmo tempo que são produzidos por ele. Assim, problematizamos a produção discursiva acerca das temáticas ambientais, estabelecendo relações sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais travadas na atualidade. Essas condições permitem entender a emergência da EA neste século. Olhar, problematizar, compreender a EA perpassa pela forma como fomos nos constituindo como sujeitos, mostrando o entendimento que temos de cultura, sociedade e meio ambiente.

Dessa forma, buscamos compreender as tramas discursivas que se engendram para a fabricação do dispositivo de EA. Tentamos articular os elementos discursivos e não discursivos, que se ligam uns aos outros e que acionam o dispositivo em questão. A revista *Veja*, por si só, não dá conta da fabricação do dispositivo. Ela é uma das estratégias de circulação e ativação constantes de enunciações e formas de visibilidade do dispositivo de EA. Por esse motivo, buscamos adensar ao estudo outros materiais que dessem conta de responder à exterioridade discursiva. Assim, trabalhamos também com leis, documentos e materiais históricos.

---

<sup>3</sup> O conceito de sujeito *ecologicamente correto* que aparece nas discussões suscitadas na tese está atrelado à compreensão de fabricação, de invenção dos ditos ambientalistas. Há um processo de subjetivação desse sujeito a certas práticas e atitudes tomadas como corretas e necessárias. Nesse sentido, tal sujeito é capturado e subjetivado nas tramas do dispositivo de EA. É o sujeito que consome de modo correto! É o sujeito antenado com seu tempo! (GUIMARÃES, 2012).

Na pesquisa, operamos metodologicamente com algumas ferramentas da AD, a partir dos estudos de Foucault.<sup>4</sup> Dispositivo, discurso, enunciado, enunciação, relações de poder e subjetivação foram as que possibilitaram traçar os contornos do estudo. Destacamos que nossa intenção era problematizar, discutir, indagar e analisar os discursos, ficando no nível do que está dito e simplesmente do dito. Assim, nossa tentativa não foi a de descobrir quais discursos seriam verdadeiros ou quais seriam falsos. Na esteira de Foucault, pretendemos tomar o discurso em sua exterioridade e positividade. Nas palavras do próprio autor: “Analisar uma formação discursiva é, pois, tratar de um conjunto de performances verbais, ao nível dos enunciados e da forma de positividade de um discurso”. (FOUCAULT, 2002, p. 144).

Conforme discute o autor, os discursos não ocorrem fora de uma ordem do discurso mais ampla, mas num campo de ação possível, num sistema que acolhe esses ditos e os faz funcionar como verdadeiros. Esses dizeres não estão soltos no mundo à espera de serem interpretados, desvelados, descobertos. Eles são produzidos e produzem esse mundo e nele provocam efeitos de verdade. Para Foucault, os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. (2002, p. 56). Dessa forma, o conceito de discurso diz respeito a tudo aquilo que é enunciável e visível, diz respeito a todas as manifestações que produzem vida social em determinada episteme.<sup>5</sup> Em outras palavras, os discursos descrevem, fabricam e inventam o mundo, que só tem sentido a partir desses ditos.

O filósofo francês não delimita um método de fazer AD, é avesso a qualquer possibilidade rotulável e de uniformização. O que ele possibilita através de suas próprias pesquisas são algumas pistas, colocando à disposição caixas de ferramentas para operarmos de forma analítica. É necessário um compromisso teórico ao utilizar as ferramentas analíticas foucaultianas. Essas são produtivas para algumas análises e discussões. Para o trabalho que desenvolvemos, algumas dessas

---

<sup>4</sup> O filósofo francês trabalha mais minuciosamente o conceito de AD nas obras *Arqueologia do saber* (2002) e *A ordem do discurso* (2009), deixando bem claro que o que pretende fazer é uma análise das práticas discursivas.

<sup>5</sup> O conceito de episteme é assumido a partir dos estudos arqueológicos de Foucault (2002). Tomamo-lo como a ordenação e a validação dos discursos em determinada época. As regras de formação do pensar que constituem nossos modos de vida, nossas formas de ser, estar e viver no mundo.



ferramentas foram muito potentes, provocando nosso pensamento. Foucault, em entrevista concedida a Roger Pol-Droit, fala de suas obras<sup>6</sup> e do quanto elas podem servir como caixa de ferramentas:

Todos meus livros, seja História da Loucura seja outro podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal idéia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultaram... pois bem, tanto melhor! (2006a, p. 52).

Então, buscamos utilizar algumas ferramentas dessa maravilhosa caixa foucaultiana. Ao operar com essas ferramentas, compreendemos a trama discursiva que se engendra em torno do dispositivo da EA. Há uma constituição de determinado domínio de saber, colocado em funcionamento a partir de relações de poder, que subjetivam os sujeitos a certas práticas ambientalmente *necessárias*.

Para tanto, procuramos compreender a EA enunciada nas reportagens de *Veja*, como um dispositivo potente na atualidade. Essa potência se torna visível ao olharmos às preocupações econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais voltadas à crise do meio ambiente, que se tornam pauta importante nos dias de hoje. A EA não é mais tema apenas de ONGs preocupadas com questões ecológicas, mas é vivida diariamente, nos diversos espaços que frequentamos: na escola, no supermercado, no *shopping*, no revisteiro, ao escutarmos uma música, ao assistirmos a um filme. Por onde circulamos, ela se faz presente e cada vez mais urgente e necessária.

Assim, o dispositivo da EA se torna cada vez mais visível e enunciable. É uma verdadeira máquina que nos faz ver e falar constantemente. Dessa forma, estabelece uma rede de relações entre cultura, sociedade, política e economia, participando ativamente dessas instâncias. Entendemos o dispositivo de EA como uma rede mais ampla, que engloba diferentes enunciados e discursos e que é sustentada e fortalecida por diferentes dispositivos, aqui especialmente, o dispositivo da mídia e da

---

<sup>6</sup> Indicamos obras como *Vigiar e punir* e a trilogia da *História da sexualidade* como possibilidade de compreender as ferramentas foucaultianas em exercício.

sustentabilidade. Essa trama discursiva se conjectura para fazê-lo funcionar, pois o dispositivo de EA não opera sozinho.

Comumente as questões ambientais apresentadas pela revista *Veja* instauram o visível e o enunciável seja pelas imagens assustadoras apresentadas, seja pelas afirmações apelativas que colocam em risco a vida do Planeta. Assim, a revista vai nos convidando a ver e a falar sobre a problemática ambiental.

Não queremos, com tais posicionamentos, dizer que a crise ambiental não é algo real. Entendemos que existe uma materialidade e não podemos negar todos os acontecimentos ambientais que nos acometem nos últimos anos, como chuvas e tempestades, que inundam cidades e deixam milhares de pessoas desalojadas; grandes terremotos que destroem cidades inteiras; terríveis secas que atacam agricultores no País; escassez de água, que leva as pessoas a fazerem racionamento em alguns locais do Brasil e tantos outros. O que colocamos em análise é a forma como essa crise vem sendo narrada e as estratégias de poder que são operadas, bem como a forma como os sujeitos são posicionados, a partir de uma produção discursiva colocada em funcionamento na mídia impressa. A seguir, trazemos ao leitor as ferramentas metodológicas que delinearão a travessia em questão.

### **Mapeando algumas ferramentas metodológicas da Análise do Discurso em Foucault**

Nosso objetivo, nesta seção, é apresentar o mapeamento metodológico da pesquisa em tela. Para tanto, situamos a escolha metodológica e a forma com a qual sistematizamos e operamos com algumas ferramentas da AD, a partir dos estudos de Foucault.

Desde as primeiras escolhas que fomos realizando no início da pesquisa, buscamos olhar com estranhamento às certezas e convicções tão consolidadas no campo de estudos no qual nos inserimos, a EA. As escolhas teóricas e os modos de operacionalização dos dados da pesquisa não foram nada convencionais para esse campo. Alguns movimentos de abandono são muito difíceis, mas são eles que permitem olhar de outro modo para o material empírico, não no sentido de encontrar algo escondido, mas na perspectiva de ver o que está visível, o que está dito. Nessa caminhada, provocamo-nos constantemente a pensar no quanto os ditos referentes ao ambiente e proliferados na mídia, produzem

verdades ao mesmo tempo que são produzidos por elas. A partir daí, fomos mapeando o problema de pesquisa.

Vale destacar, ainda, que a mídia (e nos referimos à revista *Veja*), não enuncia seus ditos como EA, entretanto os tomamos como uma rede discursiva sobre a EA, porque entendemos os artefatos midiáticos como Pedagogias Culturais, que nos ensinam e nos formam constantemente, como anunciamos acima. Conseqüentemente, os ditos da revista que se referem às questões ambientais tratam de maneira específica os ensinamentos do meio ambiente. Assim, consideramos que a EA vem sendo enunciada e visibilizada na revista *Veja* e que há uma rede de discursos, enunciados, leis e proposições que se fabrica.

Fizemos um mapeamento das reportagens no acervo *online* da revista *Veja* sobre as edições que tinham como destaque a questão ambiental. Num primeiro momento, buscamos, a partir das palavras-chave, o que demandou um amplo número de edições, contemplando tanto reportagens de capa quanto reportagens internas. As palavras-chave utilizadas foram *meio ambiente* e *crise ambiental*. Num segundo momento, partimos para outra tentativa: buscamos as reportagens de capa de todas as edições desde janeiro de 2001, década do recorte da pesquisa. Fizemos uma busca minuciosa de todas as reportagens e listamos um número significativo de reportagens de capa. A justificativa para tal recorte se deu devido ao fato de que, a partir do ano de 2001, houve uma modificação no modo pelo qual a EA passou a ser tratada na revista. Essa modificação situa-se em atrelar o ambiental a uma questão de periculosidade e de medo pelo fim da vida no Planeta.

Anteriormente, as reportagens de capa da revista *Veja* tratavam da questão ambiental a partir de outras perspectivas que não tinham como foco a catástrofe planetária. Os temas abordados mencionavam uma problemática ambiental, entretanto se apressavam a mostrar, por exemplo, como algumas populações conviviam de forma *tranquila* com a natureza, como na reportagem de 30 de junho de 1999 que tem como chamada de capa: “Xingu – a vida dos índios que preservam um paraíso ecológico do tamanho da Bélgica”. Desse modo, entendemos que as estratégias discursivas, colocadas em operação na década de 90, eram da ordem de uma necessária conscientização, muito mais pelo viés da preservação do meio ambiente do que por uma política do medo, demarcação apresentada pela revista fortemente a partir do ano 2000.

Após muito mexer e remexer nos dados da pesquisa, nosso problema situou-se em analisar de que modo a revista *Veja* coloca em funcionamento e potencializa o dispositivo de EA no século XXI. Na intenção de responder ao problema de pesquisa, organizamos o estudo a partir de três questões: Quais são os enunciados e discursos que se articulam uns aos outros e constituem o dispositivo da EA na revista *Veja*? Como a EA responde a uma urgência histórica?<sup>7</sup> Como o enunciável e o visível se engendram e dão sentido ao dispositivo de EA na revista *Veja*?

Assim, mapeamos tais questões, trabalhando com os enunciados e discursos que se articulam e constituem o dispositivo de EA; analisando as condições de urgência da EA; e operando com a enunciabilidade e a visibilidade do dispositivo. Destacamos que, para responder a essas questões, necessitamos buscar subsídios em outras fontes além da revista *Veja*, nosso material empírico, porque a revista potencializa e é uma das estratégias de operacionalização e fabricação do dispositivo, mas ele se produz a partir de uma rede mais complexa. Assim, recorreremos a alguns documentos legais e fontes históricas para compreender de que maneira o dispositivo vai se compondo.

Neste trabalho, operamos com algumas ferramentas da AD de Foucault (2002). Realizamos a análise discursiva ficando no nível do dito, sem ficar preocupadas com intenções veladas, que precisam ser descobertas. A ênfase situa-se nas práticas discursivas, no que está dito e é visível.

Situamos a pesquisa na perspectiva das discussões realizadas por Foucault acerca do conceito de autoria, mas, aqui, o que está em discussão não são os autores das reportagens analisadas. Nossa intenção é a de questionar as discursividades e as condições que as colocam em funcionamento dentro de determinada ordem discursiva. Assumimos tal posicionamento, por entendermos que um autor não é proprietário e nem o criador de seus textos. Esses textos são produzidos a partir de outros atravessamentos, de outros ditos. Eles tomam proporções que o próprio autor não imagina. Assim, os discursos estão carregados de

---

<sup>7</sup> Aqui tomamos o entendimento de urgência histórica a partir dos ensinamentos de Foucault (1990). Desse modo, compreendemos que existem condições de emergência que tornam possível o aparecimento de determinado objeto discursivo na ordem dos saberes. Tal compreensão difere de uma história tradicional, porque investiga nos interstícios históricos, de que modo foi possível o aparecimento de um campo de saber e não de outro em seu lugar.

sentidos, de significados, que vão sendo produzidos pelo autor à medida que escreve e situa seu pensamento, fazendo suas escolhas. Uma obra está atravessada, interpelada por outras obras, de outros autores e de outros conceitos, que podem convergir ou se situar na correnteza contrária, mas que, de alguma forma, constituem tal discurso.

O que queremos é suscitar uma discussão acerca de que as enunciações da revista *Veja* tomam uma proporção avassaladora, entrando na ordem do discurso verdadeiro sobre o meio ambiente e a natureza, ensinando modos *ecologicamente corretos* de ser e de se comportar no cenário contemporâneo. Então, questionamos e problematizamos os ditos e não quem os escreveu, pois esses ditos tomam um alcance muito maior do que o do autor. Eles podem produzir regimes de verdade, sistemas verdadeiros que funcionam no interior de determinada sociedade.

A tentativa desta discussão não é a descoberta de discursos verdadeiros ou falsos. Não se trata de interpretar os discursos, no sentido de buscar explicações para o que esses estão tentando dizer ou, ainda, quais são as intenções escondidas por detrás deles. O movimento é o de discutir e analisar os efeitos produzidos pelo próprio discurso.

Eu parto do discurso tal qual ele é! Em uma descrição fenomenológica, se busca deduzir do discurso alguma coisa que concerne ao sujeito falante; tenta-se encontrar, a partir do discurso, quais são as intencionalidades do sujeito falante – um pensamento em via de se fazer. O tipo de análise que pratico não trata do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona. (FOUCAULT, 2006b, p. 253).

Dessa forma, ao operar com a AD, situamos as discussões e problematizações a partir do que é enunciável e visível. Não procuramos uma origem escondida, que necessita ser desvelada. O foco é dar visibilidade ao discurso e às suas relações de exterioridade, tomando-os em sua positividade e produtividade.

Compreendemos o discurso como uma série de elementos que operam no interior das relações de poder. Para que o discurso tome força e legitimidade, é necessário estar na ordem do verdadeiro. Aqui,

entendemos a verdade como um efeito discursivo, que é produzida e legitimada dentro de determinada episteme e que vai constituindo as formas de ser e viver na atualidade. Foucault entende por verdade “o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros”. (2006c, p. 232-233). Dessa forma, olhamos para a verdade como uma fabricação, uma construção.

Nessa correnteza, entendemos que não existe uma única verdade, muito menos uma verdade a ser descoberta, desvendada, deflagrada. Existem verdades sendo produzidas e legitimadas nas relações de poder que se travam na sociedade. Desse modo, a verdade é uma invenção, é algo que se produz.

Para Foucault, o enunciado está na ordem do discurso aceito como verdadeiro e legítimo em nossa sociedade. Para se atualizar, precisa ser repetido e transmitido. Destacamos que o enunciado se modifica conforme o momento histórico, social e cultural em que é ativado. Conforme as tramas e as redes discursivas com que se relaciona ou se apoia, o enunciado pode se modificar. Além disso, é relevante destacar que o enunciado é da ordem da raridade, ele não existe se não for fazendo parte de uma série ou conjunto num jogo enunciativo. Quem dá o seu sentido é o pesquisador ao reunir as regularidades enunciativas, multiplicando os sentidos e estabelecendo suas correlações.

Ao invés de ser uma coisa dita de forma definitiva – e perdida no passado como a decisão de uma batalha, uma catástrofe geológica ou a morte de um rei – o enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um *status*, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade. (FOUCAULT, 2002, p. 121, grifo do autor).

Descrever o enunciado é estar atento a examinar a função que ele exerce e que dá sentido ao discurso. Nesta pesquisa, examinamos alguns enunciados e discursos que constituem o dispositivo de EA, entendendo

que eles são da ordem da produtividade, já que constroem esse campo de saber.

Na leitura atenta do material empírico, fomos organizando o material a partir das enunciações selecionadas. A coleta e seleção dos dados foi um momento difícil, de trabalho constante e intenso. Mexemos e remexemos nos excertos recortados para, depois, começar a organizá-los conforme a unidade analítica à qual remetiam. Reunimos e agrupamos os dados que emergiram do próprio material empírico, não pensando previamente em categorias de análise.

O trabalho que aqui apresentamos – a partir das enunciações recorrentes que se ligam umas às outras e que compõem determinadas unidades enunciativas – constitui-se numa formação discursiva de EA na atualidade. Nosso trabalho de pesquisadoras foi o de reunir e organizar os enunciados, que estavam dispersos e embaralhados, produzindo unidades de sentido, estabelecendo as regularidades enunciativas. Vale lembrar que os enunciados não se encontravam em estado puro e natural, esperando que alguém os descobrisse. Para Foucault, o enunciado é central para que se faça a análise do discurso.

Colocamo-nos na retaguarda em relação a esse jogo conceitual manifesto; e tentamos determinar segundo que esquemas (de seriação, de agrupamentos simultâneos, de modificação linear e recíproca) os enunciados podem estar ligados uns aos outros em um tipo de discurso; tentamos estabelecer assim, como os elementos recorrentes dos enunciados podem reaparecer, se dissociar, se recompor, ganhar em extensão ou em determinação, ser retomados no interior de novas estruturas lógicas, adquirir, em compensação, novos conteúdos semânticos, constituir entre si organizações parciais. (2002, p. 66-67).

Assim, o trabalho analisou a dinâmica das relações entre diferentes enunciados que se ligam uns aos outros, em uma mesma formação discursiva. O enunciado não funciona sozinho, ele exerce uma função no discurso e precisa estar constantemente em relação com outros enunciados de seu tempo. Nessa empreitada, procuramos analisar tais enunciados que se relacionam, se atualizam, se sustentam e que dão sentido a determinados discursos. Esses, por sua vez, se relacionam e dão sustentação a outros discursos. Discursos e enunciados que, articulados e combinados, auxiliam na fabricação do dispositivo de EA

na revista *Veja*. Nesse sentido, a análise do discurso, ou a análise das formações discursivas, compreende o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação, determinando suas condições de existência e estabelecendo correlações com outros enunciados, aos quais estejam relacionados.

Considerarei, não que eu tenha construído um modelo teórico rigoroso, mas que tenha liberado um **domínio coerente de descrição** – do qual, se não estabeleci o modelo, pelo menos abri e preparei a possibilidade – se tiver conseguido “fechar o círculo” e mostrar que a **análise das formações discursivas está bem centrada na descrição do enunciado em sua especificidade**. Em suma, se tiver conseguido mostrar que as dimensões próprias do enunciado é que estão utilizadas na demarcação das formações discursivas. Não se trata de fundar, de direito, uma teoria [...] mas sim, no momento, de estabelecer uma possibilidade. (FOUCAULT, 2002, p. 133, grifos meus).

Essa análise das formações discursivas demarca a emergência de determinado enunciado e porque não de outro em seu lugar. Assim, o enunciado apareceria num jogo de relações em determinada prática discursiva, moldando nossa maneira de constituir e compreender o mundo em que vivemos. Aqui, em especial, ele se mostra constituindo a forma com que olhamos para o campo da EA.

Dispositivo, discurso, enunciado, enunciação, relações de poder e verdade são ferramentas potentes da AD. Tomando o entendimento foucaultiano de poder como algo que produz coisas, para além do bem e do mal, que produz saber e discurso, compreendemos que o dispositivo de EA operado na mídia é produtivo, pois coloca em funcionamento relações de poder, incita, suscita e é criativo. Somos persuadidos a participar desse jogo de forças. Entretanto, aqui ninguém é manipulado a participar, subjugado, pois cada um exerce sua liberdade de escolha, mesmo que minimamente.

Ao operar com algumas ferramentas da AD, buscamos utilizá-las naquilo a que elas nos serviam de produtivo. Nossa tentativa foi realizar um exercício de luta, de afrontamento com ditos já tão cristalizados no campo da EA.



Não são pessoas, são como linhas que podem ser encontradas nos discursos, e até, eventualmente, nos meus, e das quais eu quero me afastar e me diferenciar. Entretanto, é mesmo de guerra de que se trata, pois meu discurso é instrumental, como são instrumentais um exército ou, simplesmente, uma arma. Ou, ainda, um saco de pólvora ou um coquetel Molotov. Está vendo: voltamos àquela história de pirotécnico... (FOUCAULT, 2006a, p. 100).

Desse modo, ao travar discussões e problematizações, colocando em xeque as verdades proliferadas e reverberadas na revista *Veja*, estávamos travando uma luta com seus ditos e não com quem os escreveu, pois, assim como para Foucault, pouco importa quem fala.

Não pretendemos trazer outra verdade acerca da EA, instituindo como ela deveria ser. Nossa pretensão foi bem mais modesta: provocar o pensamento sobre as discursividades que constituem e instituem verdades sobre a EA, colocando-nos nessa trama discursiva e entendendo que não estamos fora dela. Ao problematizá-la, também a estamos constituindo e sendo constituídas. Mais do que isso: ao viver nesse mundo, somos tramados pelas verdades que se fabricam nele.

A análise do material empírico desta tese nos possibilitou a confirmação de que a revista *Veja* potencializa e coloca em funcionamento um dispositivo de EA. Entretanto, tal dispositivo é composto por uma rede de elementos heterogêneos, e a revista é uma das estratégias que operam com algumas enunciabilidades e visibilidades, como já anunciado. Assim, foi necessário trabalhar com alguns elementos importantes na constituição do dispositivo de EA. Analisamos a constituição de enunciados e de discursos que se atrelam e dão sustentação ao dispositivo. Trabalhamos, ainda, com a urgência histórica, mostrando em que residem as condições de aparecimento da EA no século XX. Mapeamos algumas leis importantes no campo da EA e que normatizam os modos de vida. Operamos com o enunciável e o visível do dispositivo. Além de tais elementos, mostramos a articulação do dispositivo a outros dispositivos contemporâneos. Entendemos que tais discussões deram conta de responder às questões de pesquisa, bem como de sustentar a premissa de que a EA vem sendo fabricada como um dispositivo na atualidade. Nesse sentido, o dispositivo de EA atende ao conjunto de elementos heterogêneos descritos por Foucault.

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre esses elementos. (1990, p. 244).

Nossa tentativa foi olhar com desconfiança, duvidar das e hesitar diante das verdades produzidas e proliferadas no material empírico. Talvez, tal inquietude seja pela hegemonia que os discursos ambientalistas têm assumido nos últimos anos. Entendemos que esses ditos se pautam por emblemas muito caros a nós, pesquisadores da EA. Isso porque, parece, muitas vezes, que nos é repassada a tarefa de encontrar o caminho para fazer uma adequada EA.

É nesse sentido, talvez, que este trabalho decepcione alguns leitores que estejam esperando encontrar caminhos de como fazer e pensar a EA no cenário contemporâneo. Não temos essas respostas. O que fazemos é nos colocar a pensar sobre o modo como a EA foi se conjecturando e funcionando como um dispositivo potente neste século. O que fazer com isso? Entendemos que, ao compreender os engendramentos que se produzem para a fabricação de um dispositivo e do quão subjetivados somos em suas teias, talvez seja possível pensar em nossos espaços de atuação, em algumas linhas de fuga e de ruptura. É possível colocarmos o pensamento em movimento como uma estratégia de luta para olhar a EA de outro modo, a partir de outras perspectivas.

### Últimas considerações

Ao tentar colocar um ponto-final neste trabalho, muitas inquietações ainda nos acompanham. Assim, nosso convite é para que cada um de nós, pesquisadores, profissionais da EA possamos nos produzir, através dos intelectuais anunciados por Michel Foucault, não sabendo muito bem o que será feito amanhã, mas que, certamente, estaremos abertos para novos olhares.

Sonho com o intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que sem cessar se desloca,

não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente; que contribui, no lugar em que está, de passagem, a colocar a questão da revolução, se ela vale a pena e qual (quero dizer qual revolução e qual pena). Que fique que os únicos que podem responder são os que aceitam arriscar a vida para fazê-la. (FOUCAULT, 1990, p. 242).

Portanto, este estudo teve como intenção mergulhar na pesquisa, abandonando convicções e certezas. Os autores que nos fundamentaram nesta empreitada possibilitaram-nos olhar de outra forma aos materiais empíricos, provocando o pensamento sobre o não pensado. Dessa forma, entendemos que as análises realizadas são um convite ao leitor e a nós mesmas para olhar de forma diferente o campo da EA, tentando colocar em exercício a liberdade, através de práticas de luta. Olhar com desconfiança para o dispositivo de EA fabricado na revista *Veja* e em outras mídias, colocando algumas verdades em suspenso.

Nessa correnteza, entendemos que os conceitos foucaultianos trabalhados na pesquisa em questão constituíram-se como potentes ferramentas de análise, possibilitaram que nosso olhar repousasse no material empírico de modo diferente. Aqui mexemos, reviramos e rachamos as discursividades tão hegemônicas do campo ambiental. O exercício foi de luta constante e, talvez, sejam essas a potência e o perigo de escolher Foucault como intercessor de nossos estudos, jamais aceitando passivamente o que nos é dado como certo e verdadeiro, mas assumindo uma postura de dúvida, desconfiança e hesitação diante das verdades deste mundo.

## Referências

- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- \_\_\_\_\_. Dos suplícios às celas. In: POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006a.
- \_\_\_\_\_. Diálogos sobre o poder. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006c.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)*. São Paulo: WMF M. Fontes, 2011.
- GUIMARÃES, L. B. Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a produção de sujeitos *verdes*. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (Org.). *Estudos Culturais e Educação: desafios atuais*. Canoas: Ed. da Ulbra, 2012.
- NIETZSCHE, F. *Ecce Homo: como a gente se torna o que a gente é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SCALZO, M. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2011.

---

Submetido em 4 de outubro de 2016.  
Aprovado em 6 de dezembro de 2016.